

PRODUÇÃO DE FUTEBOLISTAS: DILEMAS DO FUTEBOL DE MULHERES DO SÉCULO XXI*

Luiz Carlos Rigo

rigoperini@gmail.com

Bruna Escobar da Silva

bruuna.escobar@hotmail.com

Bruno Feijó Burkle

bfburkle@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar os processos de produção de futebolistas brasileiras. O corpus empírico constitui-se de cinco entrevistas (duas futebolistas em ascensão; uma ex-futebolsita e dois técnicos de equipes femininas do RS). Concluiu-se que os maiores desafios do futebol de mulheres no Brasil, atualmente estão mais relacionados com as condições de possibilidades de produção (iniciação e formação) de futebolistas e menos com a superação dos discursos machistas e sexistas, como foi no decorrer do século XX.

PALAVRAS-CHAVE

Futebol; Mulheres; Profissão

INTRODUÇÃO

O futebol moderno adentra o século XXI como o “esporte das Multidões” (GIULIANOTTI, 2002; ROBERTONS, R e GIULIANOTTI, 2006). Todavia, apesar do futebol ser reconhecido como uma das principais manifestações culturais da modernidade, inúmeras vezes ele foi criticado por reforçar a tese do esporte moderno como “uma área masculina reservada” (DUNNING, 1993, p. 391).

* Apoio CNPQ- UFPel (Bolsa de IC)



Essas críticas de gênero ao futebol moderno em parte estão relacionadas à forma que o “futebol de mulheres”, (GOELLNER, 2005), foi tratado no decorrer do século XX e meados do século XXI. Na maior parte dos países o futebol de mulheres foi alvo de discriminação. No Brasil, por exemplo, ele não apenas careceu de incentivo como foi alvo de interdição e fez parte de uma lista de modalidades esportivas que durante o governo de Getúlio Vargas foram classificadas como proibidas para as mulheres, através do decreto-lei n. 3199 de 14 de abril de 194. Proibição esta que se estendeu até o ano de 1979, (CASTELLANI, 1988).

Essa intervenção/proibição não apenas reforçou o preconceito perante o futebol jogado por mulheres, mas também ajudou a criar novos estereótipos de gênero no futebol, como, por exemplo, o discurso de que mulher não combina com futebol. Esse longo período, de intervenções legais e de discursos oficiais sexistas, referendou uma postura de descompromisso, de desqualificação e desleixo para com o futebol jogado por mulheres de parte das federações e dos clubes, ao logo de toda a segunda metade do século XX (ALMEIDA, 2018; RIAL, 2013; RIGO et. al. 2008).

Principalmente a partir do século XXI, acompanhamos um movimento de reconfiguração do futebol de mulheres, tanto no cenário nacional como internacional. Todavia, apesar disso, no Brasil ele ainda está longe de ter o reconhecimento e principalmente o suporte político institucional necessário para se consolidar como um esporte profissional, condições similares ao estado que já alcançou em outros países, como, por exemplo: Estados Unidos, Suécia, China, Espanha e a Alemanha. (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013; ALMEIDA 2013; KESSLER, 2016; BARREIRA, Et. Al. 2018).

Neste contexto, esta pesquisa teve como objetivo principal analisar o estado do futebol jogado por mulheres no cenário brasileiro. Mais especificamente questões relacionadas com a produção de futebolistas (o processo de iniciação, a formação e as condições de possibilidade de profissionalização), no Rio Grande do Sul e no Brasil.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O corpus empírico da pesquisa constitui-se de duas entrevistas² com o técnico da equipe do Pelotas Phoenix, Marcos Planela³, uma entrevista com Cléo Luiz Lopes de Moura (2018), treinador da equipe João Emilio⁴ da cidade de Candiota– RS. Um entrevista em dupla com duas futebolistas da equipe do Pelotas Phoenix, (OLIVEIRA; MACIEL, 2017)⁵. E uma entrevista da ex-futebolista Beatriz Vaz e Silva. Esta entrevista encontra-se armazenada e de acesso público no CEME-ESEFURGS (Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) (<http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>); O suporte teórico metodológico da pesquisa foi a História Oral, principalmente os princípios apresentado por Thompson (1992); Portelli (2010); Ferreira (2000) e Montenegro (1997; 210.).

PRODUÇÃO DE FUTEBOLISTAS NO RS E NO BRASIL: INICIAÇÃO, FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO

Principalmente pelo preconceito ainda existente no corpo social, o apoio familiar é um condicionante decisivo para que uma menina possa apostar na possibilidade de seguir uma carreira de futebolista. Apoio

² Uma das entrevistas é remanescente de 2005, pertencente ao acervo particular de um dos autores desse estudo, a outra foi coletada em 2017.

³ Marcos Planela Barbosa é técnico do Pelotas Phoenix e coordenador do departamento de futebol feminino do Esporte Clube Pelotas. Fundada em 25 de julho de 1996, o projeto Pelotas Phoenix caracteriza-se como uma das equipes de maior tradição do futebol de mulheres do estado do Rio Grande do Sul. Entre as suas particularidades destacam-se o título de Campeão gaúcho no ano de 2008, a sua participação na Copa Brasil de Futebol Feminino em 2008 e 2009. Além disso, o Pelotas Phoenix destaca-se também pelo reconhecido trabalho que desenvolve com as categorias de base do futebol feminino. O clube já revelou mais de 20 futebolistas que atuaram na seleção brasileira nas categorias: Adulto, sub-20 e sub-17. (<http://lobasecpelotas.blogspot.com.br>).

⁴ Equipe que disputou o Campeonato Gaúcho da edição de 2018.

⁵ Débora Maciel e Júlia Correia de Oliveira são duas futebolistas que, no momento da entrevista, pertenciam à equipe do Pelotas Phoenix. Débora nasceu em 28-10-1998, e era natural da cidade de Capão do Leão (RS). Júlia era natural de Canoas (RS), cidade distante 300 Km de Pelotas. Júlia Transferiu-se sozinha para Pelotas, convidada por Marcos Planela, para dar continuidade ao seu projeto de carreira de futebolista profissional. A entrevista ocorreu alguns dias antes de Júlia e Débora se transferirem para jogar em uma Liga Universitária dos EUA.



esse que não faltou para Júlia Oliveira, por exemplo. Ela nos relatou que não sofreu preconceito entre seus familiares, ao contrário; seu irmão mais velho e sua mãe sempre lhe deram um grande apoio. “Meu irmão mais velho é fanático e a minha mãe também é muito fanática. E eles me incentivavam muito” (ENTREVISTA, OLIVEIRA, 2017). Ou seja, nota-se que sem o apoio e o incentivo familiar, dificilmente uma menina consegue seguir na prática do futebol e se tornar uma futebolista, principalmente pelas múltiplas dificuldades que esta escolha representa, no cenário brasileiro.

Além do preconceito social, que apesar de estar atualmente estar mais velado ainda persiste, as oportunidades existentes para as meninas se constituírem futebolistas são bem menores do que as existentes para os meninos. Poucas são as equipes de meninas existentes na maioria das cidades e raros são os clubes que apresentam uma proposta de qualidade para o futebol feminino e menos ainda para as categorias de base. Assim, a maioria das meninas tendem a iniciar sua formação, contanto com o apoio de familiares, em equipes ou escolinhas de futsal e somente depois, a partir de uma certa idade migram para o futebol, Como foi, por exemplo, o caso da Débora Maciel: “[...] quando fechasse os quatorze anos, se tu te destacasse na escolinha de futsal, tu poderias ir pro campo,. Então digamos que eu perdi um pouco de tempo porque eu entrei com quinze anos pro Pelotas, dois meses para eu fazer quinze anos”. (ENTREVISTA, MACIEL 2017). E também de Júlia Oliveira, que teve uma trajetória futebolística similar: “A gente entrou para uma escolinha, eu e meus dois irmãos. Eu fui jogar só futsal, eu joguei futsal até os dezesseis anos. Depois eu joguei pelo Santos e depois eu vim para o Pelotas”. (ENTREVISTA, OLIVERIA, 2017).

Uma análise da sistematização das entrevistas mostrou também que atualmente, diferente do que predominou no decorrer século XX e na primeira década do século XXI, (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013), os principais desafios e dificuldades enfrentadas pelas futebolistas brasileiras, não situam-se mais no campo da superação dos discursos machistas e sexistas, mas sim no campo das condições de possibilidade da produção de futebolistas e na profissionalização do futebol feminino..

Os discursos dos sujeitos que entrevistamos enfatizaram a escassez de investimento que predomina no futebol feminino brasileiro, tanto de parte dos clubes como das federações. Esta “ausência de profissionalização” (HAAG, 2018), quase obriga as futebolistas brasileiras a “rodar” (RIAL, 2008) mais e, em condições menos profissionais, do que rodam os futebolistas homens. Elas tornaram-se “[...] verdadeiras ciganas, jogam um semestre em um estado e viajam para jogar outra competição, por outro clube, em outro estado, que oferece alguma coisa em troca.” (ENTREVISTA, PLANELA, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A militância de muitas mulheres, futebolistas e não futebolistas produziu um aumento da prática do futebol de mulheres e um arrefecimento dos discursos sexistas de gênero, existente no futebol feminino brasileiro no século XX. Todavia, apesar deste avanço, no Brasil a profissionalização do futebol de mulheres continua bastante precária.. Na maioria do território brasileiro, com raras exceções, a produção (iniciação e formação) de futebolista apresenta uma grande dependência de apoio de familiares e as oportunidades restringem-se a um ou outro clube nas médias e grande cidades.

A ausência de pertencimento clubista é outro componente característico do estágio atual do futebol feminino brasileiro. A não existência de equipes femininas com tradição dificulta a constituição do sujeito torcedor. Entre os adeptos do futebol de mulheres ainda predomina admiradores, espectadores e militantes da causa, mas são poucos, ainda, os torcedores ou torcedoras.

A ausência deste sentimento clubista coletivo, possivelmente seja uma das grandes diferenças que persistam entre o futebol profissional masculino e o feminino. E, essa diferença, provavelmente, também seja uma das causas pelas quais o futebol feminino profissional encontra dificuldades para levar grandes públicos aos estádios e também não possui a mesma visibilidade no campo midiático, principalmente se comparado ao futebol masculino.



PRODUCTION OF FOOTBALLERS: DILEMMAS OF WOMENS'S SOCCER ON THE 21ST CENTURY

ABSTRACT

This research aimed to analyze the production processes of Brazilian soccer players. The empirical corpus consists in five interviews (two with rising footballers, one ex-soccer player and two coaches from RS). It was concluded that the greatest challenges of women's soccer in Brazil are related to production (initiation-training) and the conditions of possibilities and less with the overcoming of sexist discourses as it was during the twentieth century.

KEYWORDS: *Football; Women's; Profession;*

PRODUCCIÓN DE FUTBOLISTAS: DILEMAS DEL FÚTBOL DE MUJERES DEL SIGLO XXI

RESUMEN

Esta investigación objetivó analizar los procesos de producción de las futbolistas brasileñas. El corpus empírico se constituye de cinco entrevistas (dos futbolistas en ascenso, una ex-futbolista y dos técnicos de equipos femeninos del RS). Se concluye que los mayores desafíos del fútbol de mujeres en Brasil están relacionados con la producción (iniciación-formación) y con las condiciones de posibilidades y menos con la superación de los discursos machistas y sexistas como fue en el siglo XX.

PALABRAS CLAVES: *Futbol; Mujeres; Profesión;*

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. S. DE. Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. *Tese de Doutorado*. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia social, 2018.
- ALMEIDA, C. S. DE. "BOAS DE BOLA": Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia social, 2013.
- BARREIRA, Et. Al. Produção acadêmica em Futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 607-618, abr./jun. de 2018.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papyrus, 1988. ELIAS, N; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel Difusão Editora, 1992.
- KESSLER, C. S. (Org.). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserção no futebol*. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2016.
- GIULIANOTTI, R. *Sociología do futebol- Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- HAAH, F. R. "O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele." Trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. *Mosaico*. V. 9. N. 14 p.142-160. São Paulo. 2018.
- RIAL, C. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. *Nueva Sociedad*. N. 248 p. 114-126. Novembro – Dezembro, 2013. Disponível: <http://nuso.org/articulo/el-invisible-y-victorioso-futbol-practicado-por-mujeres-en-brasil/>.
- , Rodar: A circulação dos Jogadores de Futebol Brasileiros no Exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.21-65, jul./dez. 2008.
- RIGO, L. et al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira Ciência do Esporte*, v. 29, n. 3, maio 2008.



- TEIXEIRA, F; L; S.; CAMINHA, I. DE O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 01. p. 265-287. 2013.
- GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005b.
- ROBERTONS, R e GIULIANOTTI, R. Fútbol, globalización y glocalización. *Revista Internacional de Sociologia (RIS)*. España, v. 64, n 45, p. 9-35,
- THOMPSON, P. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FERREIRA, M.(Org.) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- PORTELLI, A. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Vozes, 2010.
- MONTENEGRO, A. T. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.
- ; Invenção do Olhar. In: SIMSON, O. R. (Org.). *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997. p. 197-211.

